

A EXPERIÊNCIA *QUEER* NO MINUTO LUMIÈRE: UMA ANÁLISE DO VÍDEO EXPERIMENTAL INTITULADO CORPO-RUÍDO.

*Eixo Temático 23 - Identidades e (Não)Representatividades de LGTQIA+
na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil*

Lusergio Matos Nobre ¹
Claudiene Santos ²

RESUMO

Este artigo tem como proposta abordar a experiência de apresentar um corpo que transita entre o masculino e o feminino provocando ruído no sistema heteronormativo hegemônico, a partir do recurso de gravação de um vídeo através do dispositivo do Minuto Lumière. Essa autoexperimentação em formato de vídeo concebido a partir da dança, de um corpo ambíguo, possibilitou problematizar o discurso normativo que desconsidera o corpo que não se adequa ao binarismo de gênero. Assim, o conceito do vídeo, intitulado de “Corpo-ruído”, foi representado através da experiência visual e experimental abrangendo a discussão dos conceitos do termo *queer* e do cinema experimental.

Palavras-chave: Queer. Cinema Experimental. Minuto Lumière.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo a experiência de apresentar um corpo que transita performativamente entre o masculino e o feminino, provocando ruído no sistema político heteronormativo, a partir do recurso de gravação de um vídeo através do dispositivo do Minuto Lumière (MIGLIORIN et al., 2014), apresentado e discutido em sala de aula³. Para experimentar um corpo em trânsito não fixado aos padrões heteronormativos, o vídeo em análise foi representado através da experiência visual e

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema/PPGCINE da Universidade Federal de Sergipe - UFS, lucerggio@hotmail.com;

² Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema/PPGCINE da Universidade Federal de Sergipe - UFS; claudiene.santos@ufu.br

³ Aula referente à disciplina Cinema e Narrativas do Contemporâneo ofertada do Mestrado Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais, do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe em 2021.

experimental. Em vista disso, serão discutidos os conceitos do *queer* e do cinema experimental. O estudo se justifica pela necessidade do autor experimentar no próprio corpo, a potência política de um corpo *queer*.

Por uma teoria *Queer*

. O termo *queer*, de origem inglesa, que corresponde a um xingamento, quando traduzido para o português pode ser entendido como estranho e/ou bizarro, inicialmente, utilizado de maneira pejorativa e, posteriormente apropriado e ressignificado por ativistas, estudiosos e cineastas, reiterando a ambiguidade e a mobilidade das identidades sexuais e de gênero. No entanto, no Brasil, quando se quer de forma pejorativa se referir à comunidade LGBTQIA+⁴, seus equivalentes são: “viado”, fresco, boiola, sapatão, bicha. Por volta da década de 1980, nos Estados Unidos, o termo foi ressignificado por ativistas e movimentos sociais com um sentido político, assim como, passou a ser apropriado pelos estudos acadêmicos: “[...] Mais do que uma nova posição de sujeito, *queer* sugere um movimento, uma disposição. Supõe a não-acomodação, admite a ambiguidade, o não-lugar, o trânsito, o “estar-entre”. Sugere fraturas na episteme dominante.” (LOURO, 2018, p. 1046).

A teoria *Queer* possibilitou discutir a mobilidade dos gêneros e a heterossexualidade como algo não natural, sendo fortemente influenciada pela teoria pós-estruturalista. Dentre as teóricas *queer*, Judith Butler (2015) contribuiu de forma decisiva para os estudos sobre Gênero através do conceito de performatividade, afirmando que o gênero é construído discursivamente, podendo ser desnaturalizado.

O *queer* enquanto ativismo ou campo de estudos sobre gênero e sexualidade possibilita transgredir a norma que violenta e exclui sujeitos que não querem ser integrados, não buscam qualquer tipo de reconhecimento identitário e modificam seus corpos, constituídos como abjetos. Diante disso, “[...] a teoria *queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” (LOURO, 2018, p. 515).

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero existentes.

Da materialidade do corpo como plataforma política

Para toda norma hegemônica há corpos que escapam dela. Estes corpos abjetos e transgressores, cotidianamente oprimidos e violentados são colocados à margem da sociedade, inclusive pelas instituições cujo aparelhamento não é adequado para atendê-los, uma vez que seguem a lógica da heteronormatividade compulsória. Por conseguinte, “[...] O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante [...]” (MISKOLCI, 2012, p. 35).

A experimentação possibilita que o corpo físico seja colocado à disposição da produção científica, como por exemplo, a produção intelectual de Paul B. Preciado (2018), que se intoxica com substâncias químicas, transformando-se em objeto de experimentação para expor seus conceitos, como o princípio da autocobaia⁵ (seu argumento autobiográfico de entrega do próprio corpo à experimentação para fazer política e produzir saber).

A partir do abjeto, do que é amorfo, do ruído, se pode produzir uma outra coisa. Deste modo, Borges e Bensunan, (2008) ao equiparar o *queer* ao *noise*, enfatizam que o ruído indesejado pela música canônica, um agente infeccioso, desorganizador, tornou-se música *noise*, afirmando ser o *queer* o *noise* do sexo. Nesse sentido, “O que é *queer*, e o que é trans, inter, a, poli, cybersexual traz as marcas da potência porque é agente infeccioso. Nem se trata de encontrar espaço para o ruído, mas de roer lentamente o sexo com partitura, o desejo como coreografia e os corpos com tonalidade fixa.” (ibidem., n. p).

É desse lugar de abjeção, de monstruosidade que estes corpos marginalizados fazem barulho, provocam ruídos na normatividade hegemônica, perturbam as políticas de identidade, causam desordem ao sexo e passam a falar nos espaços públicos produzindo novos saberes a partir da materialidade corporal.

Do Experimental ao Cinema Queer

⁵ Seguindo as intuições de Peter Sloterdijk (PRECIADO, 2018, p. 366).

A partir da experiência visual em forma de autoexperimentação é possível problematizar o discurso normativo que desconsidera o corpo que não se adequa ao binarismo de gênero, um corpo queer que se reitera na sua diferença ou ambiguidade. A experimentação é um recurso presente em toda a trajetória das narrativas audiovisuais sejam modernas e contemporâneas, que também confere identidade ao cinema experimental, caracterizado pela utilização da não narratividade e da expressão de experiências pessoais. Segundo os teóricos de cinema David Bordwell e Kristin Thompson (2013), os filmes experimentais ou de vanguarda realizados por razões diversas são inconformistas, utilizam qualquer tipo de filmagem, fazem oposição ao cinema mainstream e se utilizam do improviso, são caracterizados por utilizarem as formas narrativa, abstrata e associativa.

Para Stam (2013) a teoria *queer* do cinema discutiu a representação da masculinidade em filmes com temática heterossexual. Porém, as discussões relacionadas a gênero e sexualidade ganham os circuitos cinematográficos nos EUA, surgindo o *New Queer Cinema* em virtude “[...] da insatisfação de muitos diretores, produtores, atores e militantes com a resposta política, social e mesmo artística em face à crise da aids nos Estados Unidos a partir dos anos 1980.” (LOPES, NAGIME, 2015, p. 14).

O improviso e a experimentação caracterizam o cinema experimental. No entanto, a experimentação sempre esteve presente no desenvolvimento da linguagem cinematográfica, novos formatos na composição de imagens exploraram outras possibilidades visuais, através da luz, das cores, de imagens compostas a partir de formas abstratas, ou seja, o aspecto narrativo da linguagem perdeu centralidade para a experiência, assim, a experimentação também conferiu identidade ao cinema experimental. Desse modo,

[...] o conceito de experimental envolve mais coisas que a simples demarcação de uma diferença com relação à produção audiovisual estandardizada. Como sugere o próprio nome, a ênfase desse tipo de produção está na experiência, no sentido científico de descoberta de possibilidades novas. [...] (MACHADO, 2010, p. 25).

O cinema experimental, além de influenciar e permitir compreender os mais diversos movimentos audiovisuais do século XX deixou um legado para as produções cinematográficas contemporâneas, inclusive para o Cinema *Queer*. Nesse sentido, afirma

Suarez (2017, tradução nossa) que os cineastas Buñuel e Cocteau antecederam uma linguagem estética do que seria o filme queer experimental.⁶

O Cinema *Queer*, às vezes nominado como cinema gay ou LGBTQ+, assume várias perspectivas discursivas, não somente apresentando personagens gays, lésbicas e transsexuais, assim como, problematizando temas como raça, etnia e sexualidade. Conseqüentemente, “os elementos do cinema *queer* não se limitam a sexualidade dos personagens, abordam uma nova percepção sobre os corpos, afetos, vidas e gêneros.” (ROCHA, 2019, p. 14). Especificamente no Brasil, o filme “Doce Amianto” (2013), de Guto Parente e Uirá dos Reis representa este tipo de cinema, misturando realidade e fantasia, utilizando do artifício de personagens que transitam entre o masculino e o feminino. É um filme aparentemente transgressor, em que o estranhamento se expressa pelo exagero, pelo caricato e o uso do *chroma key*.

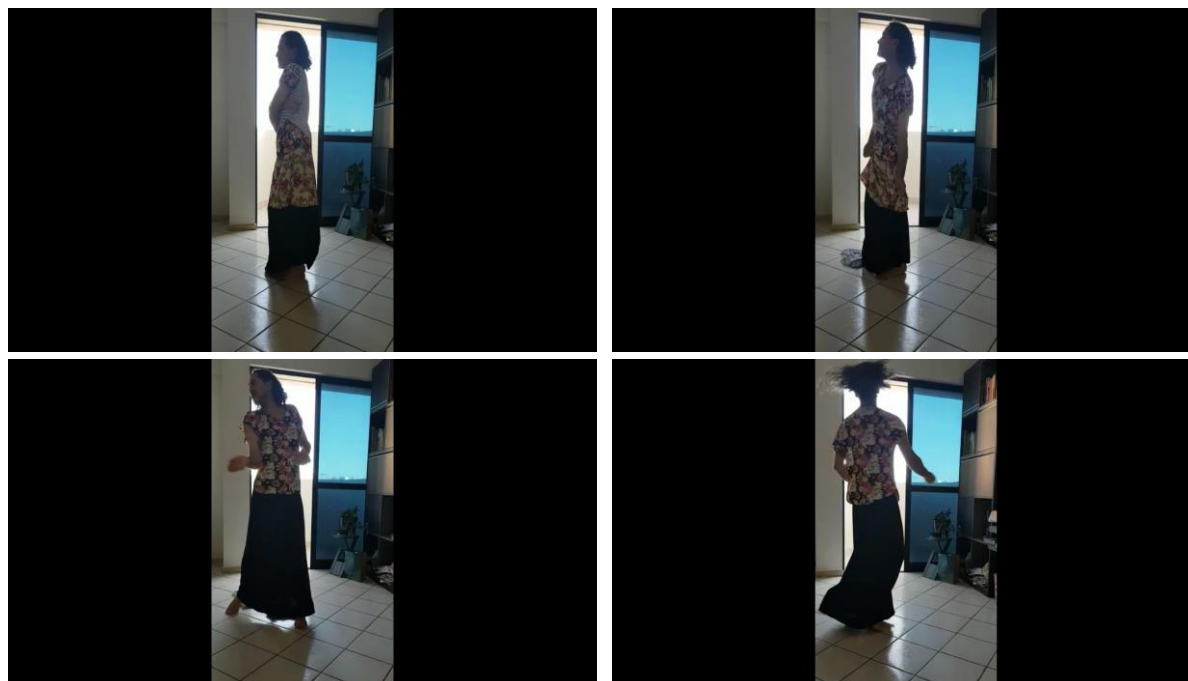
Analisando a Experiência do Minuto Lumière: vídeo Corpo/ruído

A proposta do Minuto Lumière (inspirado nas primeiras produções cinematográficas dos irmãos Lumière) como atividade acadêmica possibilita em tese exercitar uma experiência de discentes a “[...] pensarem em alguma cena cotidiana para ser gravada com a câmera parada, por 60 segundos precisos e contínuos, onde a cor e o som direto não seriam aproveitados, sendo retirados durante a gravação ou edição.” (SILVA, 2014, p. 187).

Em “Corpo/Ruído” como pode ser visto nos *frames* da Figura 1, o dispositivo utilizado para registrar a dança e os movimentos foi a câmera do celular, com luz ambiente, a partir de uma dança espontânea, não previsível, com foco no experimentar. O figurino foi inspirado numa cena do filme “Doce Amianto” (2013), em que a personagem Amianto corre, ao mesmo tempo em que troca de roupa. O vestir roupas femininas não teve um efeito de encenação ou apresentar uma caricatura de gênero, mas de me aproximar do que há em mim de feminino.

⁶ No original: As Buñuel and Cocteau distanced themselves from the formalist leanings of the early avant-garde, they anticipated the mood and styles of mid-twentieth-century queer experimental film. (p. 236)

Figura 1 – Video Corpo/Ruído



Fonte: Frames do Vídeo: Corpo/Ruído. Capturas do autor.

O ruído provocado pelo vídeo é inaudível, sendo percebido pela imagem movimento de um corpo ambíguo, com aspectos performativos do feminino e do masculino, sendo notório que nas imagens, vislumbro a experiência e verifico através da minha movimentação como o meu corpo reagiu à teoria estudada. A partir da autoexperimentação foi possível testar no meu próprio corpo os conceitos compreendidos, o ato performativo se deu a partir da materialidade corporal. Estou desconstruindo uma masculinidade, rompendo com uma gestualidade corporal aprendida coercitivamente pela repetição.⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do vídeo me permitiu experienciar este corpo queer e afirmar esse espaço de vulnerabilidade e ao mesmo tempo de potência, onde eu construo saberes sobre mim mesmo. A partir de uma atitude simples, um vídeo de um minuto, refleti sobre os efeitos performativos do gênero e compreendi que a repetição do discurso normativo se

⁷ A descrição da experiência na primeira pessoa do singular, refere-se à experiência do autor.

dá não só pela fala, mas através do corpo e que o mecanismo de poder da norma é a repetição. Assim, ao dançar, estou reagindo ao discurso, desmontando-o. Em suma, tudo bem ser estranho e barulhento.

Portanto, foi possível vislumbrar a experiência de um corpo ambíguo, rompendo com uma gestualidade corporal aprendida coercitivamente pela repetição, a partir da autoexperimentação, assim como a potência da teoria *Queer* neste processo.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Khistin. **A Arte do Cinema**: uma introdução. Tradução: Roberta Gregoli. Campinas, SP: Editora da Unicamp: São Paulo, SP: Editora USP, 2013.

BORGES, Fabiene; BENSUNAN, Hilan. **Queer: política sexual do noise**. Le Monde Diplomatique – Brasil, 24 de julho de 2008. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/queer-politica-sexual-do-noise/>> Acessado em 24 de maio de 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 8ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

DOCE AMIANTO. Diretor: PARENTE, Guto; DOS REIS, Uirá. Alumbramento Filmes, Brasil, 2013. 70 min. COR.

LOPES, Denilson; NAGIME, Mateus. New Queer Cinema e um Novo Cinema Queer no Brasil. In: **New Queer Cinema - Cinema, Sexualidade e Política**. Organização dos Textos: Lucas Murari e Mateus Nagime. Juiz de Fora: LDC, Caixa Cultural, 2015, p. 14-19.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Kindle Edition. 3. rev. Amp, Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, Arlindo. **Pioneiros do vídeo e do cinema experimental na América Latina**. Significação – Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, n. 33, p. 21-40, jun. 2010.

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I.; GARCIA, L.; GUERREIRO, A.; NANCHERRY, C.; BENEVIDES, F. (2014). **Inventar com a diferença**: cinema e direitos humanos. 1. ed. Niterói: Editora da UFF.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: Um aprendizado pelas diferenças. Autêntica Editora. Edição do Kindle, 2012.

PRECIADO, B. Paul. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacológica. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. n-1 edições. 2018.



ROCHA, Marcos Donizete Aparecido. **A emergência do queer no cinema brasileiro em Madame Satã**, de karin Ainouz. 17/06/2019 133 f. Doutorado em Comunicação. Instituição de Ensino: Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

SANTOS, Marcelle Khouri. Análise de Conteúdo e Cinema: uma reflexão sobre as contribuições do método para pesquisas de caráter interdisciplinar com Materiais cinematográficos. IN: COLVERO, Ronaldo Bernardino et. al. (org.) **Fontes, Métodos e Abordagem nas Ciências Humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas**. 1. ed. Pelotas: BasiBooks, 2019.

SILVA, Alessandra C. **O Minuto Lumière e Minuto Méliès!** IN: Cinema e Educação: dentro e fora da lei / organização: Maria Carmem Silveira Barbosa, Maria Angélica dos Santos. Anais do II Seminário Internacional de Cinema e Educação. Porto Alegre: UFRGS/Programa de Alfabetização Audiovisual, 2014.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Tradução Fernando Mascarello. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013. SUÁREZ, Juan. A. **The Sound of Queer Experimental Filme**. IN: The Music and Sound of Experimental Filme. Edite by Holly Rogers and Jeremy Barham. Oxford University Press, New York, 2017. (tradução nossa).